

**INTERVENÇÃO DE EDUARDO FERRO RODRIGUES,
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
4º FORUM DOS ANTIGOS ALUNOS DOS LICEUS FRANCÊS DO MUNDO
LICEU FRANCÊS CHARLES LEPIERRE – 8 ABRIL DE 2017**

Senhor Embaixador de França,

Excelências,

Caros colegas, antigos alunos do Liceu Francês de várias partes do mundo,

Começo por dizer que é para mim uma grande honra estar aqui hoje, respondendo positivamente ao amável convite que me foi dirigido pelo Senhor Embaixador. Já há anos atrás, em Paris, por solicitação do então ministro francês Bernard Koushner, tinha participado num debate, dando o testemunho da minha experiência como antigo aluno do Lycée Français Charles Lepierre, inaugurando em Lisboa em 1952. Tratou-se de uma discussão muito interessante, focada no tema do financiamento dos alunos franceses nas escolas independentemente da sua localização em qualquer parte do globo e das consequências que uma solução de gratuidade geral poderia ter para o acesso de estudantes das nacionalidades onde esses estabelecimentos de ensino se situavam.

Não entrei no Liceu Francês de Lisboa logo no ano da inauguração. Era “trop petit”, como a minha mãe foi informada. Na verdade, só em novembro de 1952 faria 3 anos e apesar da gravata e do fatinho com que me apresentaram, os meus pais tiveram de esperar um ano. E assim, em outubro de 1953, entrei para o jardin d’enfants, onde estive dois anos e comecei a ficar imerso na língua francesa.

A minha adaptação a esse ambiente foi tão positiva que, embora havendo duas secções, a francesa e a portuguesa, a partir do ensino primário, os meus pais optaram pela secção francesa do onzième ao huitième. Só depois, e ainda por ter nascido em novembro e não em outubro, tive de frequentar duas classes da secção portuguesa antes de todo o liceu, do primeiro ao sétimo ano. Se durante os anos em que estive na secção francesa posso afirmar que o francês era a minha primeira língua, só falando em português em casa ou com os amigos da minha rua, a seguir e pouco a pouco o francês foi-se secundarizando, deixei de sonhar em francês ou de falar francês durante grande parte do dia. É pois sem ponta de ironia que hoje digo que há sessenta anos falava muito melhor francês do que hoje.

Falar durante grande parte do dia uma língua é determinante para o seu domínio. Não basta a leitura de grandes escritores, de Victor Hugo a Jean Paul Sartre. Ou o encanto com o Spirou e Michel Vaillant para compensar essa mudança. Nem sequer as horas de felicidade a ouvir Françoise Hardy, Sylvie Vartan, Johnny Hallyday, Serge Gainsbourg, Léo Ferré, Becaud, Aznavour ou Brel. Ou os filmes de Godard.

O Liceu Francês foi a única escola que conheci como aluno até entrar na universidade em 1967. Foram catorze anos de vida que aqui passei. Catorze anos que são fundamentais na formação, pois vão da infância à jovem adulta, passando pelos anos decisivos da pré-adolescência e adolescência.

É bom desde já sublinhar que os meus pais me mantinham aqui por razões de profunda convicção. Francófilos sem quaisquer concessões, tinham visto com enorme mágoa a entrada das tropas nazis em Paris e saudado com euforia a libertação da França, e sobretudo da sua capital. E, entre 1945 e 1952, o seu amor pela França não tinha esmorecido. Além disso, queriam que o filho não fosse sujeito a um ensino público português limitado pela ditadura de Salazar, em que instituições para-fascistas como a Mocidade Portuguesa eram incentivadas e em que professores eram afastados por se recusarem a pactuar com o regime. E muitos desses foram meus professores exatamente aqui.

É no meu pai, já falecido, e na minha mãe, já muito velhinha, nos seus 97 anos implacáveis, que penso quando hoje me dirijo a vós. Foram eles que com grandes sacrifícios de dinheiro aqui me puseram, investindo em mim o que não gastavam durante muitos anos em bens de consumo duradouros. Só compraram televisão já eu tinha onze anos e carro, já eu tinha catorze. E, desde muito novo, senti a responsabilidade de ser bom aluno para permitir que o meu irmão, seis anos mais novo, pudesse também frequentar este liceu a preços muito mais acessíveis.

Além do mergulho na cultura francesa, da poesia à história, passando pela geografia, que teve o seu auge há quase sessenta anos, o liceu permitiu uma vivência da liberdade e da crítica, embora com muita exigência e disciplina. Foi assim fundamental para o desenvolvimento do meu carácter, das minhas opções ideológicas e políticas, do meu crescimento como cidadão português. Quando íamos fazer os exames ao Liceu Pedro Nunes, na admissão ao liceu, nos 2º, 5º e 7º anos, recordo que sentia que era tudo mais fácil, relativamente ao que nos era aqui exigido.

Não tenho vergonha de dizer que tenho saudades dos tempos em que aqui estive. Mas só da vivência cá dentro e não da opressão que se vivia fora. Recordo com ternura os meus primeiros amores, as minhas namoradas, lembrando que aos 15 e 16 anos as coisas já parecem e são muito mais sérias. Recordo que lá fora, em 1958, vi da janela do meu quarto uma brutal carga da GNR a cavalo sobre milhares de pessoas que se dirigiam ao comício do General Humberto Delgado no Liceu Camões e os disparos de metralhadoras durante toda a noite. Recordo os magníficos jogos de futebol que aqui fazíamos e em paralelo lembro-me de serem presos e torturados muitos jovens filhos de amigos dos meus pais. Lembro-me sobretudo da liberdade que aqui respirávamos, enquanto fora destas paredes, a polícia política e a censura nos jornais, rádio, televisão, teatro e cinema, exibiam o seu poder.

O amor dos meus pais por Paris era de tal forma que embora só tivessem tido meios para lá ir uma vez, pagaram-me uma viagem como prémio pelo meu 9º ano de liceu bem sucedido.

E assim, com quinze anos, eu e mais dois amigos de então, de hoje e de sempre, fomos no Sud Express e estivemos duas semanas num hotel no Quartier Latin.

Sem qualquer tutela, em completa liberdade. Escuso de vos dizer como todos nos sentíamos maravilhados, primeiro ao passar a Espanha e chegar a Hendaye, e depois gerindo os nossos dias e noites na capital dos nossos sonhos em inteira autonomia. Quando regressámos e chegámos a Irun e Vilar Formoso, a revista à bagagem foi um momento de muito medo. Por sorte a mala onde vinham revistas, livros e discos aqui proibidos não foi escolhida na amostra dos Pides que estavam na fronteira.

Voltei a Paris, sempre com os mesmos amigos, em setembro de 1969. E lá ficámos no Grand Hotel St. Michel, Rue Cujas, em pleno Quartier Latin. Aprendi a considerar Paris a minha segunda cidade de pertença.

Muito mais tarde, já neste século, tive a sorte de ser nomeado Embaixador de Portugal na OCDE e de assim ter vivido quase seis anos naquela belíssima capital. Há quem diga que as coincidências não existem, mas também nessa questão a minha posição é de radical agnosticismo. Mas lá que foram anos maravilhosos, foram. E, como na OCDE há duas línguas oficiais, em todos os conselhos intervinha em francês, coisa que muitas vezes não era partilhada por alguns funcionários da organização, embora fosse sempre cumprido pelos sucessivos embaixadores de França com quem me cruzei (uns vindos dos governos, outros partindo para os governos).

Sem dúvida que o carácter se forma muito cedo em cada um de nós. Sem dúvida que as ideias políticas são muito influenciadas pelo ambiente familiar. Mas estar nesta escola 14 anos deixou uma marca própria muito forte a estes dois níveis.

Quando a 23 de outubro de 2015, o meu nome foi proclamado como Presidente da Assembleia da República de Portugal, depois de vencer em eleições diretas, não pude deixar de pensar no Teatro S. Luiz, onde várias vezes ouvi o meu nome e subi ao palco para receber prémios ao longo desses anos neste liceu e evidentemente da influência que os meus pais tiveram e têm na minha vida, como referências e exemplos.

Lamento não falar francês como há sessenta anos. Mas, como então, continuo a amar a França e Paris. A Europa vive momentos decisivos para o seu futuro. Temo que os ventos populistas, que também sopram fortemente do outro lado do Atlântico, possam pôr em causa os ideais por que nos batemos – liberdade, igualdade de oportunidades, solidariedade.

Em Portugal, apesar dos poderes fácticos globais (agências de rating, grandes interesses financeiros, instituições internacionais que nada aprenderam com a crise de 2008) nos cercarem e ameaçarem, estamos a fazer o possível por dar esperança aos cidadãos na Democracia e na Justiça. Esperemos que a França responda também positivamente em abril e maio.

Muito obrigado pela vossa atenção. Viva o Liceu Francês Charles Lepierre. Viva a França!
Viva Portugal!

Eduardo Ferro Rodrigues